

RELATÓRIO DE GESTÃO
EMBAIXADA DO BRASIL NO REINO DOS PAÍSES BAIXOS
EMBAIXADOR PIRAGIBE S. TARRAGÔ

Apresenta relatório de gestão de atividades realizada pela Embaixada em Haia no período de 2013 a 2016.

CONTEXTO POLÍTICO INTERNO E EXTERNO

3. Na preparação das análises que a embaixada fez sobre as políticas interna e externa do governo holandês, ademais das informações disponíveis em fontes abertas, eu e meus colaboradores muito nos valem dos contatos com meios políticos e da sociedade locais, com funcionários do Ministério dos Negócios Estrangeiros e com colegas do corpo diplomático.

4. Durante meu período à frente desta Embaixada, acompanhei o segundo governo do primeiro-ministro Mark Rutte (Gabinete Rutte-II), constituído em 2013, e que terminará em março de 2017, quando se realizarão novas eleições. O Gabinete atual é formado pelo Partido Liberal (VVD) em parceria com o Partido Trabalhista (PvdA). Este último substituiu o Partido da Liberdade (PVV), de extrema direita, que integrava o governo, anterior.

5. Com a divisa "Construindo Pontes", o atual governo social-liberal mostrou-se mais estável do que o que o precedeu, embora enfrentasse um cenário econômico adverso e uma resistência do eleitorado a medidas de austeridade para conter o déficit público. Isto não impediu que a aliança VVD-PvdA de avançar, de forma gradual, na reforma do Estado de bem-estar social por meio da revisão, por exemplo, das políticas tributária e de seguridade social. Congelamento dos salários do setor público e cortes nos orçamentos da saúde e da educação marcaram o primeiro momento do atual governo. Porém, com a progressiva recuperação econômica a partir de 2014, para a qual contribuíram reduções de impostos e flexibilização nas leis trabalhistas, verificou-se retomada de investimentos e de gastos governamentais, ainda que em pequena escala.

6. O baixo crescimento das economias europeias, inclusive a neerlandesa (no máximo, 1,7%), e o aumento da imigração, associado por boa parte da população à insegurança e ao terrorismo, tendem a deslocar para a direita as preferências políticas de parcela crescente dos

trabalhadores e de outros setores menos afluentes. O fenômeno derivaria do esgotamento do discurso social-liberal que poucas perspectivas econômicas teria oferecido à grande maioria dos cidadãos. Nos Países Baixos, o enfraquecimento da social-democracia se deu, em boa medida, pela tendência à desestruturação do tradicional sistema de apoios entre partidos e agremiações em nome de soluções de consenso, (conhecido como sistema de pilares - 'verzuiling'). Tal tendência tem como pano de fundo as transformações advindas com a imigração, a globalização e o fracionamento etnorreligioso, que tem resultado na diluição de uma consciência corporativa nacional e dificultado a mobilização dos grupos sociais pelas lideranças classistas tradicionais.

7. Em paralelo, prosseguiu a fragmentação do espectro partidário, com o enfraquecimento de partidos tradicionais e o surgimento de alternativas, como partidos locais, de extrema direita e populistas. Essa diluição revelaria percepção de falta de representatividade dos partidos tradicionais. Os eleitores acusam estes de, em nome da governabilidade, abdicarem da defesa dos interesses de suas bases de apoio, sobretudo em questões específicas (i.e. imigração, direitos trabalhistas, integração europeia, terrorismo), provocando, assim, uma redução da fidelidade partidária e uma maior volatilidade nas intenções de voto.

8. Os resultados das eleições para o senado (indiretas), em maio de 2015, que confirmaram enfraquecimento da coalizão governista, poderiam prenunciar as eleições gerais de março de 2017, com perda de espaço dos partidos tradicionais (especialmente o trabalhista) e fortalecimento da extrema direita. Nesse quadro, a continuação de um governo de centro dependeria de ampla coalizão formada por, pelo menos, cinco partidos (VVD, CDA, D66, PS e PvdA), fenômeno pouco usual na história política neerlandesa recente e que poderia significar forte instabilidade para o futuro bloco governista. Mesmo na hipótese de vir a obter o maior número de votos, a possibilidade de o PVV (extrema direita) liderar um novo governo parece pouco provável, dado o alto grau de rejeição que provoca nos demais partidos.

9. Outro tema que acompanhei com interesse diz respeito aos fluxos de imigrantes, em decorrência notadamente da instabilidade política no Oriente Médio e no Norte da África. Os Países Baixos foram diretamente afetados pelo incremento nas correntes de refugiados e demandantes de asilo originários daquelas regiões. Receberam mais de 80 mil solicitações de refúgio e reunião familiar nos dois últimos anos (59 mil em 2015 e 30 mil em 2014). A coalizão governamental empenha-se em buscar resolver rapidamente, e sem maiores custos políticos, a crise dos refugiados, uma

vez que sua persistência poderá beneficiar à extrema direita nas próximas eleições gerais.

10. A população, em diversas ocasiões, mostrou-se pouco receptiva ao acolhimento de refugiados. O governo neerlandês engajou-se, durante sua presidência de turno do Conselho da União Europeia (primeiro semestre de 2016), em alcançar acordo com a Turquia para obter uma redução substancial no fluxo de migrantes. Chegou mesmo a articular plano para transferir refugiados de volta àquele país (Plano Samsom) e cogitou do estabelecimento de 'safe havens' para refugiados em países da região. Ventilou também a proposta (mal recebida no restante da Europa), apelidada de 'mini Schengen', de limitar para o território do Benelux, Áustria e Alemanha a zona de livre circulação de pessoas.

11. Como consequência das restrições de acesso em território europeu, fruto do acordo logrado entre a UE e a Turquia sobre controle do fluxo de migrantes, notou-se, desde o início de 2016, redução expressiva no ingresso de demandantes de asilo, cujo principal contingente provém hoje da Albânia, e não mais da Síria.

12. O terrorismo foi outro tema sobre o qual a embaixada buscou manter-se informada. Nos Países Baixos, desconhece-se a realização de atos terroristas propriamente. Mas importantes setores da sociedade associam a presença dos refugiados ao aumento da insegurança e do risco de que tais atos venham a ser cometidos. As preocupações com segurança decorrem, além do fluxo de demandantes de asilo, dos recentes atentados terroristas em países próximos (sobretudo na Bélgica), do envolvimento de militantes neerlandeses nos conflitos na Síria e no Iraque e da participação do governo holandês na coalizão que combate o autoproclamado Estado Islâmico (EI).

13. As autoridades neerlandesas estimam ser real a possibilidade de ataque terrorista nos Países Baixos. Por isso, vêm adotando medidas adicionais de vigilância e de segurança. Procuram, ademais, restringir o fluxo de combatentes nacionais para Síria e Iraque e buscam conter o processo de radicalização, observado em algumas comunidades do país. A prioridade do tema reflete-se ainda em iniciativas de coordenação em âmbito multilateral e na articulação com outros países. Em 2014, os Países Baixos nomearam enviado especial para o combate ao terrorismo. Atualmente, o país copreside, com o Marrocos, o Fórum Global de Combate ao Terrorismo (GCTF). A cidade de Haia é sede do Centro Internacional de Combate ao Terrorismo (ICCT)

e do Centro Europeu de Combate ao Terrorismo (ECTC/EUROPOL), criado em 2016.

14. O posto buscou também analisar aspectos mais relevantes da participação dos Países Baixos na União Europeia, que se sobressai como prioridade número um de sua política externa. Portanto, atribuí grande importância ao exame do seu desempenho na presidência rotativa do Conselho da União Europeia, que a Holanda ocupou entre janeiro e julho de 2016. Os Países Baixos buscaram impulsionar o fortalecimento e a construção de pontes entre os estados membros por meio da identificação de áreas prioritárias. Estas deveriam moldar uma União Europeia de escopo limitado às áreas em que as ações conjuntas possam agregar valor, como nos casos de segurança, meio ambiente e mudança do clima, e de deixar para a competência dos estados membros temas relativos a assistência social, educação e questões fiscais.

15. Durante a presidência dos Países Baixos, a UE viu-se diante de questões complexas, tais que o acordo com a Turquia para controlar o fluxo de migrantes e demandantes de asilo, o referendo aprobatório da saída do Reino Unido, o tratado de associação UE-Ucrânia - rejeitado, em referendo popular nos Países Baixos - e a coordenação intraeuropeia no combate ao terrorismo, sobretudo à luz dos ataques em Bruxelas. Ainda que tenha exercido papel, sobretudo, de moderador do debate e construtor de consenso, a Holanda buscou exercer papel ativo na identificação de prioridades comuns e imprimir sua marca na definição da agenda europeia.

16. O referendo de 23/6/16 sobre a permanência do Reino Unido no bloco regional foi objeto de grandes debates neste país. A classe política reagiu, de maneira geral, com decepção à vitória do 'leave'. Para o primeiro-ministro neerlandês, o 'Brexit' teria enfraquecido o argumento por maior integração da UE, que deveria agora se concentrar em temas como o crescimento econômico, a redução dos fluxos migratórios e um melhor controle das fronteiras externas do bloco. Já o líder do partido de extrema direita PVV, deputado Geert Wilders, saudou o resultado do referendo britânico e sustentou que se deveria fazer o mesmo neste país

17. Para além das repercussões políticas, o 'Brexit' deverá ter impacto sobre a economia dos Países Baixos. Estudos técnicos desenham cenários em que a saída do Reino Unido da EU poderia implicar perdas de 10 bilhões de euros para economia holandesa em 15 anos, equivalente a 1,2% do PIB. Também preveem uma queda de 4,3% no volume das exportações neerlandesas.

18. Mereceu também detido acompanhamento pelo posto a relação dos Países Baixos com a Rússia. Esta ganhou ainda maior notoriedade após a derrubada do avião da Malaysia Airways (voo MH17), em julho de 2014, que caiu em solo ucraniano e vitimou 196 holandeses. Se, até então, a Holanda mantinha uma atitude de cautela em relação à crise ucraniana de modo a não prejudicar o relacionamento com Moscou, o premiê Rutte passou a não economizar críticas às ações russas na Ucrânia, em particular à incorporação da Crimeia. O apoio a Kiev não deve, porém, ser confundido com a defesa da entrada da Ucrânia na União Europeia, vista com ceticismo por setores internos.

19. Tal evidenciou-se na rejeição, por 61% dos votantes, do Acordo de Associação da Ucrânia com a EU, objeto de um referendo consultivo em abril de 2016. Apesar de apoiar as penalidades comunitárias impostas a Moscou, os Países Baixos veem riscos numa escalada de sanções. Tal posição se explica pelos importantes laços comerciais entre os dois países. Além da forte presença da Gazprom no mercado energético local, há o temor de que a Rússia intensifique suas restrições à entrada de produtos oriundos da UE, causando maiores prejuízos aos exportadores neerlandeses.

20. Também integrou as tarefas da embaixada o acompanhamento das posições dos Países Baixos em relação à guerra civil na Síria. As fissuras no relacionamento com Moscou se transpuseram igualmente para o conflito no país médio-oriental. Desde o início da escalada da guerra, o governo neerlandês assumiu postura contra o presidente Assad, da Síria, e endossou o coro dos que exigem sua partida. Os Países Baixos associaram-se à coalizão de países que favorece o combate aos grupos jihadistas. Passaram a participar das operações militares contra o EI com caças F-16, material militar, treinamento e apoio civil a milícias curdas e da oposição. Inicialmente limitadas ao Iraque, as operações foram estendidas neste ano ao território sírio.

21. Procurei, igualmente, dar atenção ao tema dos direitos humanos. Prioritário para a opinião pública holandesa, o tema tem pautado a atuação deste país em foros multilaterais. O governo neerlandês e a opinião pública local são sensíveis a pleitos de organizações não-governamentais e do setor privado sobre questões ambientais, trabalhistas e sociais em terceiros países. Questões relativas a violações de direitos humanos ou medidas supostamente danosas ao meio ambiente ou a direitos laborais, levantadas por ONGs, repercutem junto aos consumidores holandeses e são encampadas pelo governo, com potencial impacto no comércio bilateral, na imagem e na cooperação com outros países.

22. As relações deste país com a América Latina e Caribe foram igualmente objeto de atento seguimento pelo posto. Os Países Baixos, em geral, mantêm um bom relacionamento com os países da região. As relações com alguns deles mereceram atenção mais detida, em vista dos desdobramentos que tiveram desde 2014. Refiro-me especificamente às relações com Venezuela, Suriname, Colômbia e Cuba.

23. Com a Venezuela, os Países Baixos têm buscado desenvolver relações estreitas, tendo presente, sobretudo, a proximidade geográfica entre a sua porção caribenha (Aruba, Curaçao e São Martinho) e o país sul-americano. Aparecem como áreas de maior cooperação com a Venezuela as de combate ao crime organizado transnacional, em especial tráfico de drogas, lavagem dinheiro e terrorismo. Apesar de seu constante interesse em promover os valores da democracia e o respeito aos direitos humanos, o governo holandês (e mesmo o Parlamento) tem sido econômico em endossar as acusações levantadas contra o governo venezuelano naqueles temas.

24. No caso do Suriname, dados os laços históricos, a intensidade das relações (e das tensões) tem sido maior. Após quatro anos 'congeladas', Suriname e Países Baixos normalizaram suas relações diplomáticas em setembro de 2014, com a designação de um embaixador holandês para a chefia da missão diplomática em Paramaribo. A medida, no entanto, ainda não foi reciprocada pelo Suriname, que segue mantendo um encarregado de negócios no comando de sua embaixada em Haia. Parece haver, da parte do governo holandês, esforço para incrementar as relações, apesar de persistir o grave irritante político representado pela condenação do presidente Bouterse por tribunal dos Países Baixos, decisão na qual o executivo holandês não teria capacidade de intervir.

25. Os Países Baixos manifestaram entusiasmo com o acordo de paz entre o Governo colombiano e as FARC-EP. O país acompanha com particular interesse questões relativas a direitos humanos e combate à impunidade, e propõe-se a contribuir para a implementação de reformas agrária e da justiça, no contexto do acordo. A participação dos Países Baixos no CSNU (2018) dará à diplomacia neerlandesa papel especial no mecanismo de monitoramento do acordo de paz.

26. Em paralelo, intensificaram-se esforços na reaproximação com Cuba, com visitas de alto nível à ilha e vinda a Haia do ministro do exterior cubano, além de tentativas de engajar a UE no processo de abertura e reforma do país caribenho. Em janeiro de 2016, a ministra de Comércio Exterior e Cooperação para o Desenvolvimento, Lilianne Ploumen, visitou àquele país acompanhada de

representativa delegação empresarial. Investidores holandeses preveem que o levantamento das sanções dos EUA contra Cuba deverá gerar grandes investimentos na ilha, embora as regiões insulares holandesas no Caribe possam vir a sofrer desvios de comércio e de turismo.

RELAÇÕES BILATERAIS

27. Quando cheguei a Haia, em dezembro de 2013, os Países Baixos apenas esboçavam sinais de recuperação da crise financeira iniciada em 2008. A recessão obrigara o país a redefinir algumas das prioridades de sua política externa e privilegiar a vocação comercial do país. Ganharam, assim, crescente relevância as relações com as economias emergentes e, por extensão, com o Brasil. Afora o componente econômico-comercial, ainda hoje prevalecente no relacionamento bilateral, a diversificação de parcerias para além da Europa significou, para o Brasil, também uma oportunidade para fortalecer o diálogo político com os Países Baixos em temas da agenda internacional e a cooperação em áreas de maior interesse para nós, a saber: educação, ciência e tecnologia, infraestrutura e logística. Também permitiu ao país desenvolver contatos políticos mais estreitos com a Holanda por defender esta a reforma das instituições multilaterais, inclusive o Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU), tese cara aos nossos interesses.

28. Uma das principais iniciativas neste esforço de ampliação e fortalecimento do diálogo foi a realização de reuniões de consultas políticas bilaterais. Em duas ocasiões (07/05/2014, em Brasília, e 27/11/2015, em Haia) o então Subsecretário-Geral embaixador Carlos Antonio da Rocha Paranhos, e seu homólogo neerlandês, o diretor-geral de Assuntos Políticos da Chancelaria, Wim Geerts, conversaram sobre gama variada de temas, numa demonstração da amplitude temática do diálogo bilateral: cooperação em ciência, tecnologia e inovação, revisão do acordo para evitar a dupla tributação, situação na América do Sul (Colômbia, Venezuela, Cuba e Suriname), mecanismos inter-regionais, negociações de acordo comercial Mercosul-União Europeia, reforma do CSNU, conflitos na Ucrânia e na Síria, terrorismo, crise migratória, mudança do clima, direitos humanos e candidaturas.

29. Em Haia, o SGAP I participou também de seminário promovido pelos Institutos Igarapé (Brasil) e Clingendael (Países Baixos) intitulado "Setting a Progressive United Nations Peace and Security Agenda: searching for new narratives". O evento efetuou reflexão sobre o processo de reforma das Nações Unidas e discutiu novas narrativas sobre

o tema, que levassem em conta a adaptação dos órgãos da ONU às realidades contemporâneas e a participação de novos atores, notadamente a sociedade civil. Destacou-se a visão compartilhada de Brasil e Países Baixos sobre a reforma da ONU, em particular a necessidade de adaptação do CSNU como forma de manter sua eficácia e legitimidade.

30. Apesar deste cenário positivo para o relacionamento entre o Brasil e os Países Baixos, foram poucas as visitas de alto nível de natureza estritamente bilateral nestes últimos três anos. Não houve, desde as visitas do então Presidente Lula (2008) e do então príncipe herdeiro Willem Alexander (2012), novo intercâmbio de visita oficial de chefes de estado ou governo. Nesse período, os encontros de altas autoridades se restringiram a entrevistas à margem de reuniões internacionais, como o contato entre a então presidenta Dilma Rousseff e primeiro ministro Mark Rutte, à margem da VII Cúpula das Américas, na Cidade do Panamá.

31. Cabe mencionar a visita a Haia do então vice-presidente da República, Michel Temer, em março de 2014. Ainda que se tenha dado no contexto da Cúpula de Segurança Nuclear, o então vice-presidente manteve encontro bilateral com a rainha Máxima. A reunião versou, essencialmente, sobre o projeto da Nações Unidas para Finanças Inclusivas para o Desenvolvimento, que a soberana neerlandesa coordena. Máxima salientou, na ocasião, estar em tratativas sobre o tema da inclusão financeira com o Banco Central do Brasil desde 2011.

32. Em minha gestão, Haia não recebeu visita de chanceler brasileiro. Do lado holandês, tampouco concretizou-se a visita do ministro dos Negócios Estrangeiros neerlandês, Bert Koenders, a Rio de Janeiro e Brasília, prevista para 15 a 19 de julho de 2016, mas cancelada, à última hora, por ter Koenders que antecipar sua volta aos Países Baixos em razão da tentativa de golpe militar na Turquia em 15/07. O chanceler neerlandês indicou interesse em remarcar a visita para tão logo possível.

33. No que tange às visitas de outras autoridades brasileiras à Holanda, é importante sublinhar o fluxo de altos representantes de governos estaduais. Destaco a visita, em outubro de 2015, do governador de Goiás, Marconi Perillo, à frente de numerosa delegação dos setores público e privado, com programação organizada pela embaixada. Esteve recentemente na Holanda, desta feita com encontros agendados pelo lado holandês, o governador do Espírito Santo, Paulo Hartung, para contatos com o Porto de Roterdã (setembro de 2016). Também em visita de prospecção de parcerias técnicas e econômicas, em setembro de 2014, o secretário de Gerenciamento de Projetos do Estado do Rio de Janeiro, José Cândido Muricy, procurou identificar

possíveis parcerias para o programa de despoluição da Baía de Guanabara. No mesmo mês, o secretário-executivo de Planejamento e Desenvolvimento Econômico do Amazonas, Ronney César Peixoto, veio divulgar o projeto do Polo Naval amazonense e atrair investidores para a indústria naval do Amazonas.

34. A crise econômica e política brasileira nesses últimos três anos terá pesado na diminuição, durante esse período, do número de missões de autoridades ministeriais neerlandesas ao Brasil. Indico, apenas para fins de registro pois foram organizadas pelo lado neerlandês, as que se realizaram no período: (i) ministra da Infraestrutura e Meio Ambiente, Wilma Mansveld (Brasília, São Paulo e Belém, 31/03 a 04/04/2014): acompanhada de empresas holandesas dos setores de aviação, meio ambiente, mudança do clima e transporte intermodal, a ministra tratou com autoridades brasileiras de temas como (a) meio ambiente e mudança do clima, especialmente no que tange a "cidades sustentáveis" e gestão de resíduos; e (b) aviação, nas áreas de infraestrutura, espaço aéreo e biocombustíveis.

(ii) ministra da Educação, Cultura e Ciência, Jet Bussemaker, a São Paulo e Rio de Janeiro, 11 a 14/08/2015: a ministra participou da Conferência "World Skills 2015" e manteve agenda de encontros com foco em educação profissional técnica e tecnológica, e economia criativa.

35. Os megaeventos esportivos de 2014 e 2016 no Brasil ensejaram visitas de altas autoridades neerlandesas, sem que tenha havido programação bilateral: (i) o rei Willem-Alexander, a rainha Máxima e a ministra da Saúde, Bem-estar e Desporto, Edith Schippers, foram ao Brasil para a Copa do Mundo de 2014; e (ii) o rei Willem-Alexander e família, o primeiro ministro Mark Rutte e a ministra Edith Schippers, participaram de cerimônias dos Jogos Olímpicos. A ministra Schippers voltou ao Rio de Janeiro para os Jogos Paralímpicos.

36. Pode-se avaliar que os Países Baixos identificam no Brasil ator de relevo na estabilização e modernização na América do Sul. Há uma percepção positiva quanto ao potencial brasileiro e a seu peso nas relações internacionais. Durante todo o processo de impeachment, por exemplo, o governo dos Países Baixos manteve posicionamento sereno e respeitoso dos nossos processos internos, o que denotou confiança nas instituições e na democracia brasileira.

37. As relações caracterizam-se, portanto, pelo entendimento mútuo e pelo acervo de experiências históricas compartilhadas ao longo de quase dois séculos de interlocução ininterrupta entre nossos governos. Os dois

países convergem na importância da salvaguarda de valores baseados nos princípios da democracia e do multilateralismo, na solução pacífica de controvérsias, na defesa dos direitos humanos e na expectativa de reforma das estruturas políticas multilaterais. O voto brasileiro, em todos os escrutínios, à candidatura neerlandesa ao CSNU (biênio 2017-2018), foi importante demonstração de apoio político, que nos rendeu a gratidão holandesa e foi reciprocada com respaldo a candidaturas brasileiras diversas.

38. O capital político acumulado tem sido de valia para o Brasil, tanto em questões pontuais, quanto em temas de maior amplitude da agenda internacional, no nosso relacionamento com os Países Baixos. A relevância estratégica do relacionamento aumenta pela presença, no Caribe, de territórios autônomos, integrantes do Reino - como Aruba, Curaçau e São Martinho.

39. Para intensificar ainda mais o relacionamento, valeria explorar a possibilidade de dinamizar o diálogo parlamentar (hoje esporádico). A criação de um grupo parlamentar Brasil-Países Baixos poderia abrir nova frente de intercâmbio e de conhecimento mútuo, com reflexos positivos para os interesses econômico-comerciais brasileiros. O grupo parlamentar (de deputados federais e senadores) poderia ser inclusive encorajado por governos estaduais, que procuram intensamente os Países Baixos para cooperação econômica e investimentos.

ECONOMIA E PROMOÇÃO COMERCIAL E DE INVESTIMENTOS

40. Minha chegada a Haia coincidiu com o ponto mais baixo da atividade econômica nos Países Baixos, fruto sobretudo da crise financeira de 2008 e da dos países mediterrâneos da UE. Pude, assim, acompanhar a lenta recuperação da economia holandesa a partir de 2014/15. Os índices de crescimento do Produto Interno Bruto foram de 1,4% em 2014, e de 2% em 2015, taxa que deve ser um pouco menor no corrente ano (1,7%). O modesto crescimento tem sido puxado pelo consumo interno, pelo setor de construção e pela expansão do mercado de trabalho. A inflação, por outro lado, tem caído, de 1% em 2014, para (projeção) 0,1% neste ano.

41. O comércio exterior permanece como o principal motor da economia holandesa, para o qual concorrem a sua localização geográfica estratégica, a eficiência do porto de Roterdã e o perfil aberto de seu empresariado, bem integrado ao mercado externo. A corrente de comércio variou, de EUR 826 bilhões em 2014, para EUR 810 bilhões em

2015, com superávits da ordem de 51 e 44 bilhões de euros, respectivamente. Prevê-se novo superávit de aproximadamente EUR 50 bilhões em 2016.

42. O período coincidiu também com a entrada do Brasil em recessão (2013-16) e a queda acentuada nos preços internacionais das matérias-primas. Ambas tiveram impacto negativo no comércio Brasil-Países Baixos. Reduções sucessivas nas quantidades e nos preços de exportação levaram a que, em 2015, as cifras retornassem aos níveis de 2010 - exportações brasileiras de US\$ 10 bilhões e importações de US\$ 2,5 bilhões. Os principais itens de nossa pauta exportadora continuaram sendo soja, carnes e celulose, e da importadora, combustíveis. No corrente ano, as exportações brasileiras devem manter-se no mesmo patamar, mas as importações provavelmente deverão ficar abaixo da alcançada em 2015, resultando no terceiro ano seguido de diminuição na corrente bilateral de comércio. A alta posição que os Países Baixos ocupam na lista dos parceiros comerciais brasileiros se deve, em larga medida, ao chamado 'efeito Roterdã', que faz computar como destinadas à Holanda exportações que, na realidade, se dirigem a terceiros países no continente europeu (Alemanha e países da Europa Central), além de boa parte das matérias-primas adquiridas ao Brasil serem reprocessadas neste país para posterior comercialização em outros mercados na Europa.

43. Procurei manter-me em contato com as empresas holandesas com negócios no Brasil, em particular, por meio de encontros empresariais. Ressalto a importante e tradicional presença de corporações holandesas no Brasil (Shell, Unilever, Philips, Akzo Nobel, Heineken, KLM, Makro, entre outros). Os fluxos de investimento holandeses permanecem altos, com estoque estimados em cerca de US\$ 165 bilhões (quarto maior investidor estrangeiro no Brasil). Os investimentos recentes mais importantes dizem respeito à assunção, pela Shell, dos ativos da British Gas no Brasil, e à construção, pela Heineken, de nova fábrica, em Goiás. As empresas brasileiras (Petrobras, JBS, Cutrale, Braskem, entre outras), por seu turno, aumentaram nesta década sua presença na Holanda, ainda que muitas tenham apenas escritórios de representação ou de comercialização, sem atividade produtiva propriamente. A Embraer, desde 2014, fez da Holanda sua base europeia para vendas aos mercados da Europa, Ásia e África. A crise que atingiu a Petrobrás se fez sentir na Holanda com queda expressiva nas encomendas que a empresa costuma colocar junto a fornecedores holandeses.

44. Com apoio da Secretaria de Estado (apesar das restrições orçamentárias vigentes), dei prosseguimento ao principal instrumento de promoção comercial e de atração de

investimentos de iniciativa da embaixada: o encontro empresarial "Brazil Network Day" (BND). Realizado semestralmente desde 2011, o BND é um importante foro que reúne delegações brasileiras de setores produtivos específicos e empresários holandeses de médio e pequeno porte, interessados em fazer negócios com o Brasil. Durante minha gestão, efetuaram-se seis edições do BND (já contando com a que deve ocorrer em novembro, pouco antes de minha partida), em Amsterdam (duas vezes), Rotterdam (idem), Haia e Breda, com público médio estimado em 400 pessoas por edição. Os encontros tratam de como fazer negócios e investir no Brasil e do cenário da economia brasileira e sustentabilidade; promovem os setores de petróleo, gás, indústria naval e energias renováveis; e são palco para delegações empresariais, como as que aqui estiveram: de São Paulo (Investe São Paulo), de Minas Gerais (INDI) e do BNDES. Em novembro, deverá vir missão de Goiás.

45. Numerosas delegações empresariais brasileiras visitaram os Países Baixos nesses últimos anos, sempre contando com o apoio da embaixada para agendamento de encontros, informações sobre o mercado local, interlocução com autoridades provinciais e nacionais e, malgrado os poucos recursos disponíveis, apoio logístico. Destaco a missão do governador de Goiás, Marconi Perillo, em outubro de 2015, acompanhado por cerca de trinta empresários e assessores; a visita do Secretário de Transportes do Rio Grande do Sul (janeiro de 2016); a missão empresarial de captação de investimentos no setor de laticínios, liderada pelo vice-governador da Bahia (março de 2016); a visita do secretário de Desenvolvimento do Espírito Santo (abril de 2016), para tratar de infraestrutura portuária; e as missões empresariais organizadas em torno das edições do BND mencionadas acima. Note-se que, ao contrário do lado holandês, que frequentemente envia altas autoridades nacionais ao Brasil à frente de missões empresariais, não houve, desde o início de 2014, visita de nível ministerial brasileira à Holanda com o propósito de promover o comércio bilateral e atrair investimentos.

46. Na área de promoção do turismo, a embaixada manteve coordenação com o escritório da Embratur em Amsterdã e com os principais operadores e agentes de turismo especializados em Brasil. Dessa cooperação resultaram 'workshops' sobre estratégias destinadas a vender o país como destino turístico, reuniões e atividades relacionadas à Copa do Mundo e aos Jogos Olímpicos. Nossa participação em feiras do setor, por outro lado, decresceu, dadas a falta de recursos orçamentários e a suspensão do apoio recebido, até 2015, da Embratur. Uma das consequências disso, foi a redução da participação do Brasil na principal feira do setor nos Países Baixos, uma das mais importantes da Europa. Na última edição (janeiro de 2016), o estande

brasileiro se limitou a uma presença apenas institucional.

47. As relações econômicas continuaram a demonstrar dinamismo, a despeito do desaquecimento da economia brasileira e do insucesso de algumas empresas holandesas que se lançaram em projetos e investimentos no Brasil no início da década. Os setores mais tradicionais seguiram despertando maior interesse. Na área de petróleo e gás, a Shell revelou planos de expansão de sua capacidade produtiva no país (pretende quadriplicá-la até 2020, dos atuais 7%). A cooperação no setor portuário também permaneceu ativa, como indica o desdobramento da parceria entre o porto de Roterdã e o governo do Espírito Santo para a expansão do porto Central, naquele estado. As inversões planejadas por empresa holandesa de lácteos na Bahia, se concretizadas, terão impacto substancial na produção e exportação desses produtos.

48. No âmbito das relações econômicas, durante minha gestão, presenciei o surgimento de dois pequenos irritantes. Em dezembro de 2015, Ato Declaratório Executivo baixado pela Secretaria da Receita Federal reincluiu os Países Baixos na lista de jurisdições com regimes de tributação favorecida e regimes fiscais privilegiados. O Ato foi contestado pelo governo neerlandês, que apresentou pedido de revisão e suspensão da decisão. O assunto teve repercussão na Holanda, inclusive no Parlamento, também em função de debate sobre a questão mais ampla da evasão fiscal. É positivo o fato de permanecerem abertos os canais de diálogo entre as autoridades neerlandesas e a Receita Federal. Esta se prontificou a examinar novos dados que a Holanda venha a apresentar que justifiquem uma reconsideração de sua decisão. O tema tem integrado a agenda dos encontros políticos bilaterais desde o havido entre a presidente Rousseff e o primeiro ministro Rutte, à margem da cúpula EU-CELAC, no Panamá em 2015, por exemplo, até o das consultas políticas bilaterais anuais entre as chancelarias.

49. Também acompanhei a inconclusiva disputa em torno do não pagamento de cerca de US\$ 40 milhões devido à empresa holandesa Van Oord por obras de dragagem do canal do porto de Suape (PE). A empresa acionou, em 2014, o governo neerlandês, garantidor da operação. O governo brasileiro, em resposta a gestões do lado neerlandês, apontou o âmbito da Justiça brasileira como caminho para melhor avaliar quem estaria com a razão na disputa, já que há também alegação, da parte do porto de Suape, de que o não pagamento decorreria de incumprimento pela empresa holandesa dos trabalhos encomendados (deficiências técnicas).

50. Durante minha gestão, busquei, sob instruções, atuar no sentido de encorajar uma posição favorável dos Países

Baixos para a retomada das negociações do acordo de livre comércio Mercosul-União Europeia. Fiz gestões em relação ao andamento do processo e à troca de ofertas. O governo local - com poucas sensibilidades comerciais defensivas e com interesse na expansão do comércio global -- é receptivo ao nosso desejo de acelerar o processo negociador. Embora seja possível contar com a Holanda para moldar um acordo aceitável para o Mercosul/Brasil, não se deve desprezar seus interesses ofensivos (laticínios, redução de barreiras não tarifárias, serviços, harmonização de procedimentos de avaliação da conformidade), nem sobrevalorizar seu peso relativo na conformação de uma posição da União Europeia.

51. A promoção dos interesses econômico-comerciais brasileiros é facilitada pelo histórico de presença empresarial holandesa no Brasil e pela percepção do governo deste país do potencial brasileiro. À ampla gama de companhias neerlandesas de grande porte com investimentos no Brasil corresponde uma dinâmica decisória própria, que normalmente prescinde da intervenção da embaixada (e do próprio governo brasileiro). As autoridades econômicas holandesas têm interpretado a situação econômica brasileira com tranquilidade. Demonstram confiança na capacidade de recuperação do país e, por consequência, animam os investidores holandeses a considerarem as oportunidades de bons negócios no Brasil numa perspectiva de médio e longo prazo.

52. Diante desse quadro, procurei ajudar a manter a percepção positiva e o nível de interesse pelo Brasil e, sempre que possível, aproveitei os vários seminários e reuniões de que participei para informar sobre as realidades e as perspectivas da economia brasileira. Nesse sentido, recepcionei em almoço de trabalho o presidente da Confederação da Indústria e dos Empregadores dos Países Baixos, Hans de Boer. Busquei também difundir informações sobre a ação do governo brasileiro, principalmente nas áreas de economia, meio ambiente e energia, por meio de boletim semanal que compila notícias publicadas nos sítios oficiais.

53. No posto, notei a demanda de pequenos e médios empresários neerlandeses por informações (em geral, em nível de detalhamento superior ao que a embaixada pode prestar) sobre sistema tributário, legislação e identificação de potenciais parceiros. Eventualmente essa carência poderá ser suprida por uma câmara de comércio bem equipada. A propósito, constituiu-se, em 2016, a BRADUTCH (câmara de comércio brasileira nos Países Baixos), associada à sua homóloga, a DUTCHAM, instalada, no Brasil, desde 1952.

54. Observei, também, a disparidade de condições entre o

que a embaixada pode oferecer a missões empresariais brasileiras e o que o governo holandês proporciona quando se encarrega de organizar sua vinda a este país. A carência de recursos orçamentários limita o escopo de atuação do posto, quando comparado a uma forte estrutura holandesa de promoção comercial. Tem-se visto que as missões brasileiras, que vêm a este país cumprir programação concebida pelo lado holandês, são levadas a naturalmente interessar-se pelo que os Países Baixos têm a oferecer em termos de tecnologias e serviços associados a determinados setores e investimentos demandados pela delegação visitante.

CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

55. Durante minha gestão, procurei manter ativa a cooperação bilateral em matéria de ciência, tecnologia e inovação (C,T&I). As atividades nessa área foram impulsionadas pela implementação do Memorando de Entendimento entre Brasil e Países Baixos para a Cooperação em C,T&I (assinado em 2011) e pela realização das primeiras reuniões da Comissão Mista, em Brasília (em 2013 e 2015), para cuja preparação a embaixada contribuiu com subsídios e interlocução com o lado holandês.

56. A partir desses entendimentos, estabeleceram-se como interesses prioritários dos dois países temas, como cidades sustentáveis, recursos hídricos, mudança do clima, astronomia, tecnologia de alimentos e agricultura, políticas de popularização da ciência e energias renováveis. A parte holandesa empenhou-se, em particular, no campo da bioeconomia, inclusive com o envolvimento da Organização Holandesa para Pesquisa Científica (NWO) em melhoramento de colheitas, agricultura sustentável, biorrefinarias, saúde animal, biorremediação para tratamento de resíduos e desenvolvimento de bioprodutos, com aplicação na indústria alimentícia.

57. Registraram-se missões de diversas instituições brasileiras aos Países Baixos, dentre as quais saliento as de Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA), EMBRAER, Embrapa, Centro Técnico Aeroespacial (CTA), Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Hospital Einstein, Universidade de São Paulo (USP) e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

58. Em 2014, visitei o 'cluster' tecnológico de Eindhoven, a convite da Philips, onde me informei sobre suas atividades, em especial, seus projetos futuros. A Philips está estabelecida no Brasil há mais de um século. Em novembro de 2015, voltei ao campus na companhia do governador de Goiás, Marconi Perillo, e comitiva.

Entusiasmado com o que viu, o governador instruiu seus assessores a dar seguimento aos contatos com as empresas visitadas, a fim de interessá-las em projetos de investimento no seu estado.

59. Ainda em 2015, como parte dos preparativos para a segunda reunião da Comissão Mista de C,T&I, participei no Ministério do Ensino, Cultura e Ciência dos Países Baixos (OCW) de mesa redonda sobre estudo elaborado pelo 'Advisory Council for Science, Technology and Innovation' do governo neerlandês relativo à cooperação com o Brasil.

60. Em março de 2016, a embaixada acompanhou visita de delegação técnica da Secretaria de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior do Governo de Minas Gerais (SECTES), que efetuou encontros com representantes do OCW, em seguimento a reunião anterior (11/2015). Como resultados concretos do diálogo, ressalto acordo firmado para cofinanciamento de pesquisas sobre recursos hídricos, a extensão da iniciativa "BioLab", medidas com vistas a possibilitar a estruturação de cursos conjuntos de formação e de graduação e de um Centro para a Internacionalização do Ensino e a decisão de revitalizar a parceria com o HidroEx (Delft). Na mesma ocasião, a missão de Minas Gerais subscreveu memorandos de entendimento com a província de Brabante do Norte e com a Universidade de Pesquisa de Wageningen nas áreas de cooperação científica e tecnológica em bioeconomia e de cooperação no setor de recursos hídricos, respectivamente.

EDUCAÇÃO

61. No campo da cooperação educacional, dei particular atenção aos estudantes brasileiros na Holanda, participantes do programa Ciência sem Fronteiras, coordenado, desde sua inauguração nos Países Baixos (2012), pela Organização Neerlandesa para a Internacionalização do Ensino Superior (Nuffic). Operando em parceria com CAPES/CNPq, a Nuffic administrou a vinda de 1.198 bolsistas brasileiros entre 2012 e 2015. A alta receptividade neerlandesa, expressada por meio de incentivos à pesquisa e investimento na área educacional, contribuiu para aumento anual no número de bolsistas enviados desde 2013, que chegou a 470 em 2015. No corrente ano, o programa foi fortemente atingido por falta de verbas, o que ocasionou queda substancial no número de estudantes brasileiros nas universidades holandesas.

62. Os estudantes participantes do Ciência sem Fronteiras distribuíram-se entre as áreas de engenharias e tecnologia, indústrias criativas, biologia e ciências biomédicas e da saúde, computação e tecnologia da informação e produção agrícola sustentável. As principais instituições receptoras

foram as Universidades de Groningen, de Wageningen, Universidade Fontys de Ciências Aplicadas, Universidade de Tecnologia de Eindhoven e Erasmus Rotterdam. No âmbito do Programa de Apoio a Estudantes Brasileiros (PAEB), a embaixada, em recepção aos bolsistas, lançou o Guia do Estudante Brasileiro na Holanda, projeto elaborado em bem-sucedida parceria com a Associação de Estudantes e Pesquisadores Brasileiros na Holanda (APEB-NL).

63. Igualmente, empenhei-me em estimular maior intercâmbio entre as universidades brasileiras e neerlandesas. Em março de 2016, o reitor da Universidade de Leiden, à frente de numerosa comitiva, visitou o Brasil e assinou memorandos de cooperação com várias universidades em São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro.

64. Também procurei prestigiar as palestras efetuadas pela cátedra Ruy Barbosa da Universidade de Leiden, inclusive tendo participado, como palestrante, de mesa redonda sobre o Zona de Paz no Atlântico Sul, organizada em 2015. Apoiei, da mesma forma, o estabelecimento de um leitorado naquela universidade, cujas tratativas, tanto quanto me é dado saber, estariam bem encaminhadas.

65. Outras atividades relevantes do setor incluíram a minha participação na IV Conferência Europeia de Estudantes e Pesquisadores Brasileiros e no I Encontro anual da Associação de Estudantes (Utrecht, 4/2015). O setor educacional da embaixada participou também de reuniões com representantes do "Holland Festival" e da "New Holland Foundation", para tratar de apoio financeiro e institucional, e da escola Brasileirinhos, para explorar possível cooperação educacional e apoio do Ministério da Educação.

66. Em diversas atividades, verifiquei haver grande disposição de estudantes neerlandeses de participar de intercâmbio no Brasil. À luz desse interesse, a embaixada esclareceu dúvidas e dispôs-se a facilitar acesso a informações relevantes, embora não conte com material informativo especializado. Interlocutores do posto indicaram que uma maior oferta de cursos em língua inglesa no Brasil, bem como opções mais diversificadas de programas de mestrado e doutorado poderiam facilitar a mobilidade estudantil com os Países Baixos.

CULTURA

67. Na área cultural, busquei apoiar a divulgação da cultura e das artes brasileiras nos Países Baixos. Estas já desfrutam de relativo grau de reconhecimento nos meios locais, especialmente a música. Grupos empresariais, muitos deles de brasileiros expatriados, tomam iniciativas para

trazer artistas brasileiros, bem como organizam festivais culturais. Sem contar com qualquer recurso orçamentário para a promoção cultural, a embaixada presta, sempre que apropriado, apoio institucional e auxilia na divulgação. Entre 2014 e 2016, realizaram-se, em diversas cidades do país, de forma independente ou no contexto de festivais, como o 'Viva Brasil', 'Brazilian Summer Sessions' e 'Brasil Sinfônico', apresentações de renomados músicos brasileiros. Filmes brasileiros foram também regularmente projetados nos principais festivais do país, em particular o Festival de Cinema de Roterdã.

68. Em minha passagem pelo posto, observei que o seu setor cultural é muito procurado por diversas instituições em busca de apoio para projetos, sobretudo de música e artes plásticas, bem como por artistas brasileiros radicados na Holanda. O setor limitou-se ao respaldo institucional para aqueles que sejam de boa qualidade. Em alguns casos, fiz gestões junto a potenciais fontes de financiamento, como empresas brasileiras estabelecidas no país que pudessem doar recursos para tais projetos. Também o posto cooperou com a Mesa de Cultura do Conselho de Cidadãos, coordenado pelo Consulado-Geral de Roterdã, no sentido de viabilizar a iniciativa daquela Mesa de realizar uma semana de cultura brasileira em Amsterdã e algumas localidades próximas, como parte das comemorações da independência brasileira.

69. Creio que a exposição de maior relevo que teve lugar durante minha gestão tenha sido a 'Brasil, beleza?', que reuniu obras de dezenas de artistas plásticos e escultores brasileiros contemporâneos, montada no Museu Beelden aan Zee, em Haia, e na rua mais bonita da cidade, a Lange Voorhout. Estimou-se que mais de 200 mil pessoas terão visitado a exposição, graças também ao fato de efetuar-se durante a alta estação turística e coincidir com os Jogos Olímpicos do Rio. Os custos com sua realização foram inteiramente cobertos por doadores e mantenedores do Museu, bem como pela Prefeitura de Haia.

70. No que tange à divulgação da realidade brasileira, a embaixada engajou-se igualmente na promoção da Copa do Mundo e dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos, reforçando atividades de divulgação e contatos com setores da imprensa local e por meio da distribuição regular de informações e material audiovisual. No dia de inauguração da Copa do Mundo em 2014, e mediante recursos obtidos junto a empresários brasileiros, ofereci nos jardins da residência jantar com comidas típicas brasileiras para cerca de 350 convidados, os quais puderam assistir, em telão instalado na área, ao jogo de abertura. Artigos assinados pela então presidente Rousseff e por mim foram publicados em órgãos de imprensa local. No retorno dos atletas olímpicos e paralímpicos holandeses, fui convidado a prestigiar

cerimônia de condecoração desses atletas no Parlamento, a que estiveram presentes altas autoridades neerlandesas, inclusive o primeiro ministro Rutte. Em ambas as ocasiões ouvi expressões altamente elogiosas e de agradecimento ao Brasil pela exemplar organização dos Jogos da Rio 2016.

CONCLUSÃO

71. Avalio que, embora produtiva minha passagem pelo posto, muito mais poderia ter feito, não fosse a conjuntura recessiva que o país vem atravessando nos últimos anos, a qual reduziu a disponibilidade de recursos para o Ministério das Relações Exteriores e, por extensão, para os postos no exterior. A embaixada enfrentou, assim, limitações adicionais na sua capacidade de atuar nas diferentes frentes que oferece a relação bilateral. Não obstante, creio ter podido apoiar ou desenvolver alguns projetos, como acima resumi, que mantiveram vivo o interesse em explorar oportunidades de cooperação (política, econômica, educacional e em ciência e tecnologia), bem como novos espaços de divulgação da cultura brasileira nos Países Baixos.

Piragibe S. Tarragô, embaixador